

05

CIDEHUS' *e-Working papers*

UMA BIBLIOTECA ESCOLAR COM A VALÊNCIA DE LEITURA PÚBLICA (1850-1926)

Fernando Luís Gameiro



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora

CIDEHUS

05 - CIDEHUS' e-Working Papers

Título/Title: Uma biblioteca escolar com a valência de leitura pública (1850-1926)

Autor/Author: Fernando Luís Gameiro

Data/Date: 2018

Assessor para a Série/Series Adviser : Susana Munch Miranda

Comissão Editorial/Editorial Board:

Mafalda Soares da Cunha

Ana Cardoso de Matos

Maria Filomena Gonçalves

Susana Munch Miranda

Por favor, citar como / Please, quote as: Gameiro, Fernando Luís - *A Biblioteca Pública de Évora: uma biblioteca escolar com a valência de leitura pública entre a Monarquia Constitucional e a 1ª República*. Évora: CIDEHUS' e-Working Papers, n.5, 2018.

ISSN: 2183-8003



Este trabalho está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição-SemDerivações 4.0 Internacional.

Uma biblioteca escolar com a valência de leitura pública (1850-1926)

Fernando Luís Gameiro (CIDEHUS-UÉ, fgameiro@uevora.pt)

Abstract

This paper is about the reading habits of users of the Évora Public Library (BPE) during the Constitutional Monarchy and the First Portuguese Republic and is part of the work developed by the author since 1995. The crossing of databases that support the studies on educational institutions in Évora and the databases for the study of BPE allow us to move forward with new elements on the functioning of the bicentennial library. The substitution of the liceal library by BPE in 1843, following a decision of the teachers of the High School of Évora, the informal creation of the figure of the «librarian teacher» and the management of the collection show case a new dimension of the service provided by BPE between 1841 and 1926.

Keywords: management of the collection; librarian teacher; High School of Évora; readers

Resumo

O texto parte do trabalho desenvolvido durante mais de duas décadas pelo autor sobre o tema da leitura na Biblioteca Pública de Évora (BPE). O arco cronológico do estudo abrange a Monarquia Constitucional e a 1ª República. O cruzamento de bases de dados que suportam os estudos sobre instituições de ensino de Évora com as bases de dados para o estudo dos leitores da BPE, permitem avançar com elementos novos sobre o funcionamento da bicentenária biblioteca e sobre o background ocupacional dos seus leitores. A substituição da biblioteca liceal pela BPE, em 1843, por decisão dos professores do Liceu de Évora, com o suporte do Ministério do Reino, a criação informal da figura do «professor bibliotecário» e a gestão da coleção praticada

em função da valência de leitura escolar, mostram uma nova dimensão do serviço prestado pela BPE no arco cronológico considerado.

Palavras-chave: gestão da coleção; Liceu de Évora; Biblioteca do Liceu de Évora; perfil do leitor

1. Introdução

O estudo sistematizado da leitura teve início nos Estado Unidos durante a crise económica dos anos de 1930 e incluiu pesquisas sobre a difusão da leitura e os seus efeitos sobre o leitor. Na França do após guerra os estudos em sociologia da leitura tiveram como objetivo a promoção do uso e partilha de textos: buscava-se saber quem, o quê, porquê e como se lia. O objetivo, estimulado pelas preocupações sociais que mobilizavam o Estado francês, visava o desenvolvimento da formação de adultos e, neste contexto, promover também as bibliotecas junto dos jovens.

Em Portugal o esforço de investigação na área da história do livro e da leitura tem produzido resultados relevantes: estes permitem definir de forma mais segura o perfil dos leitores e o consumo do bem livro para os séculos XIX e XX¹. Do ponto de vista que releva para este estudo, a relação entre o perfil socio ocupacional do leitor e o tipo de leitura que é praticada, a produção historiográfica pode agrupar-se genericamente em três grandes vertentes.

A primeira vertente, na qual se enquadra este texto, estabelece um paralelo entre o consumo cultural praticado ao nível da leitura pública e o perfil social e profissional do leitor no quadro mais vasto dos processos de alfabetização e literacia em contexto regional. Enfim, uma vertente que temos vindo a desenvolver ao longo dos últimos vinte anos com a publicação regular dos resultados obtidos.

Em 1995 apresentámos uma dissertação à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa para obtenção do grau de mestre em

¹ LISBOA, João Luís - Livro e cultura escrita - Brasil – Portugal - Espanha. In Cultura, Revista de História e Teoria das Ideias, nº14, 2002; DOMINGOS, Manuela e outros - Estudos sobre História do Livro e da Leitura em Portugal (1995-2000). Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002. CURTO, Diogo Ramada - Bibliografia da História do Livro em Portugal, séc. XV-XIX. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2003.

História Contemporânea, que utilizou, pela primeira vez, os livros de registo de leitores da Biblioteca Pública de Évora (BPE) fixando, para o século XIX, o perfil do leitor desta instituição. Este trabalho, na versão publicada em 1997, resumiu os extensos anexos da versão académica contendo o tratamento dos livros de registo dos leitores depositados no Arquivo Distrital de Évora². Nos anos subsequentes publicámos em revistas nacionais, e em atas de congressos internacionais, aprofundamentos ou balanços da investigação que continuámos a realizar avançando o arco cronológico até final da Iª República³. O estudo mais recente que concluímos, na sequência de um projeto de formação avançada, explicou a ligação entre colégios privados, Seminário, BPE e Liceu, instituições entre as quais circulavam os estudantes. A investigação tornou evidente que a BPE, no arco cronológico considerado, era a biblioteca escolar que o Liceu recusou constituir em 1843. Na época as autoridades académicas, lideradas por Cunha Rivara, que acumulava funções como professor do Liceu e diretor da BPE, alegaram a funcionalidade pedagógica da biblioteca pública da cidade. Também o argumento da existência de equipamentos de apoio ao funcionamento do Liceu de Évora, entre os quais a BPE, foi invocado quando as reformas de ensino faziam perigar o estatuto da instituição a nível regional e era necessário carrear argumentos em sua defesa⁴.

As restantes vertentes centram o estudo nos gabinetes de leitura, e em particular nos catálogos que estes espaços de consumo cultural possuíam, ou incidem sobre a análise de índices de leitura elaborados com base nas estatísticas oficiais de leitura pública⁵.

² GAMEIRO, Fernando Luís – Ensino e Instrução no Alentejo Oitocentista. Lisboa: FCSH/UNL, 1995 (dissertação de mestrado); Idem – Entre a Escola e a Lavoura. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1997.

³ GAMEIRO, Fernando Luís - Instrução, Educação e Lazer no Alentejo. In Rogério Fernandes e Áurea Adão (Org.) - Leitura e Escrita em Portugal e no Brasil 1500-1970. Atas do Iº Congresso Luso Brasileiro de História da Educação. Vol. I, Porto: Sociedade Portuguesa de História da Educação, 1998, pp. 523-534; Idem - Profissões, Leitores e Leituras. A Biblioteca Pública de Évora (1850-1926). In A Cidade d'Évora, II Série, nº 8, Évora: Câmara Municipal de Évora, 2009 pp. 587-600.

⁴ GAMEIRO, Fernando Luís – Elites e Educação. Lisboa: Colibri, 2017, p. 128, 180-181.

⁵ Sobre os gabinetes de leitura: cf. GUEDES, Fernando - O livro e a leitura em Portugal. Subsídios para a sua história, séculos XVIII a XIX. Lisboa: Verbo, 1987 e DOMINGOS, Manuela - Estudos de Sociologia da

O presente *e-working paper* constitui a base de um projeto de trabalho cujos resultados serão publicados no livro em preparação pelo CIDEHUS, no âmbito do projeto «Âncora», intitulado «Redes de formação, transferência e difusão do conhecimento».

O texto estrutura-se em torno de tópicos. O primeiro começa por demonstrar a omnipresença dos estudantes, e de outros agentes educativos, na sala de leitura da BPE durante a segunda metade do século XIX. Avança a origem geográfica, o contexto socioeconómico dos alunos do Liceu de Évora escola na qual era recrutado o público leitor, o quadro demográfico e o domínio da leitura e da escrita no Alentejo. O segundo analisa a evolução do número de leitores na BPE entre 1890 e 1910. O terceiro caracteriza a ação do pessoal dirigente da BPE numa altura em que o recrutamento destes responsáveis recaiu sobre o corpo docente do Liceu dando origem à precoce criação, ainda que informal, do cargo de «Professor Bibliotecário». Neste tópico analisamos a forma como os Professores Bibliotecários geriram e organizaram os serviços de biblioteca em função do público escolar. O último foca-se na leitura praticada pelos estudantes.

2. BPE. Uma biblioteca escolar em Évora na segunda metade do século XIX: o contexto

As fontes que utilizámos estão à guarda do Arquivo Distrital de Évora (ADE). São constituídas pelos livros de registo de leitores da BPE para os anos de 1875, 1880, 1885, 1897 e 1900⁶. Do tratamento a que as fontes foram submetidas resultou a evidente predominância de alunos e professores por entre o corpo de leitores (Tabela 1)⁷.

Cultura. Livros e Leitores do século XIX. Lisboa: IPED, 1985. Uma análise quantitativa: cf. TENGARRINHA, José - Estudos de História Contemporânea de Portugal. Lisboa: Caminho, 1983.

⁶ ADE, NBPE Livro de Registo de Leitores. Para 1875 livro 148 e149; 1880 livro 151; 1885 livro 153; 1897 livros 154 e 167;1900 livro 155. Para fontes e metodologia cf. GAMEIRO, Fernando Luís – *op. cit.*, 1995 e *Idem - Op. cit.* 1997.

⁷ GAMEIRO, Fernando Luís – *Op.cit.*, 1995 e 1997. Um estudo recente confirmou a estratificação dos leitores que identificámos antes. Cf. VAZ, Francisco António Lourenço - A leitura na Biblioteca Pública de Évora: um contributo para a história da leitura em Portugal (1887-1921). *Anales de Documentación*, vol. 19, nº 2, 2016, pp. 1-12.

Tabela 1 - Uma biblioteca escolar. Leitores da BPE (1875-1900)

| Profissões/atividades | 1875 | 1880 | 1885 | 1897 | 1900 |
|--------------------------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Académico | | | 696 | 259 | 48 |
| Didata | | 1 | | | |
| Estudante | 1274 | 1591 | 603 | 332 | 577 |
| Explicador | | | | | 10 |
| Professor | 9 | 30 | 18 | 32 | 50 |
| Seminarista | 1 | | | 6 | 13 |
| Total de ocupações ligadas ao ensino | 1284 | 1622 | 1317 | 629 | 698 |
| Total de outras ocupações | 1537 | 2119 | 1870 | 747 | 928 |
| % de agentes educativos | 83,5 | 76,5 | 70,4 | 84,2 | 75,2 |

Fonte: Arquivo Distrital de Évora. Núcleo da BPE Livros de Registo de Leitores. 1875 livro 148-149, 1880 livro 151, 1885 livro 153 1897 livro 154 E 167 ,1900 livro 155.

Estes agentes educativos eram basicamente oriundos, ou gravitavam em torno, da principal instituição de ensino da cidade: o Liceu de Évora. Os liceus, criados por Passos Manuel em 1836, à razão de um por cada capital de distrito, foram-se implantando com lentidão nas duas décadas seguintes. O de Évora foi constituído em 1841, logo depois da instalação dos liceus nas principais cidades do país: Lisboa, Porto e Coimbra. Com um reduzido corpo docente e menos de vinte discentes tudo faltava no colégio do Espírito Santo (antiga Universidade) em Évora, edifício em cujas salas claustrais se instalou.

Nestes primeiros anos da vida da instituição não houve condições para a instalação de uma biblioteca escolar de raiz e a solução, como adiante mostraremos, passou pela conversão dos serviços da BPE às necessidades do público estudantil que cresceria ao longo da segunda metade do século XIX. A procura da BPE por parte das instituições de ensino da cidade alargava-se ao Seminário e ao Colégio de S. João Evangelista (Loios). A Escola Normal possuía uma biblioteca especializada⁸. O Seminário e o Liceu estavam profundamente ligados ao Liceu. Seminaristas e internos do Colégio faziam parte dos alunos que frequentavam as aulas liceais⁹.

⁸ GAMEIRO, Fernando Luís - *Op. cit.*, 1997, p. 120.

⁹ GAMEIRO, Fernando Luís - *Op. cit.*, 2014.

Os alunos que frequentavam o Liceu eram oriundos dos três distritos alentejanos e do Algarve. Os alunos provenientes de Lisboa, filhos de funcionários e militares em trânsito entre a capital e a província, constituíam um grupo não negligenciável de estudantes¹⁰.

Évora foi o distrito que mais contribuiu para a população estudantil e para o corpo de leitores da BPE, embora Beja fosse o distrito com maior peso populacional entre os distritos alentejanos (Tabela 2).

Em matéria de procura de ensino secundário a centralidade do liceu de Évora, em relação à oferta proporcionada pelos institutos congéneres do Alentejo e do Algarve, manteve-se. Beja, Évora e Portalegre aumentaram em termos absolutos o número de alunos que frequentavam o Liceu. O mesmo aconteceu com os alunos oriundos do distrito de Lisboa. Já o peso dos alunos naturais do distrito de Évora, em relação ao total de alunos que frequentaram ou foram examinados no liceu, evidencia o predomínio do recrutamento de proximidade (Tabela 2).

Tabela 2 - População nos distritos do Alentejo, Algarve e Lisboa, em percentagem da população nacional. Alunos do Liceu de Évora naturais dos distritos indicados (1864-1920)

| Unidades Administrativas | 1878 | | | 1890 | | | 1900 | | |
|-------------------------------------|-------------|------------|------------|-------------|------------|------------|-------------|------------|------------|
| | 1 | 2 | 3 | 1 | 2 | 3 | 1 | 2 | 3 |
| Lisboa | 10,9 | 9 | 8,2 | 12,1 | 18 | 8,9 | 13,1 | 28 | 7,7 |
| Évora | 2,3 | 60 | 54,5 | 2,3 | 126 | 62,1 | 2,4 | 210 | 57,7 |
| Beja | 3,1 | 9 | 8,2 | 3,1 | 24 | 11,8 | 3,0 | 54 | 14,8 |
| Portalegre | 2,2 | 18 | 16,4 | 2,2 | 10 | 4,9 | 2,3 | 29 | 8,0 |
| Faro | 4,4 | 2 | 1,8 | 4,5 | 3 | 1,5 | 4,7 | 8 | 2,2 |
| Alunos naturais de outros distritos | | 12 | 10,9 | | 22 | 10,8 | | 35 | 9,6 |
| Totais (Portugal/Évora) | 23,0 | 110 | 100 | 24,3 | 203 | 100 | 25,0 | 364 | 100 |

Legenda: 1 - % da população no distrito em relação ao todo nacional; 2 - estudantes no Liceu de Évora por ano civil em todos os regimes; 3 - % em relação ao total de estudantes no ano civil.

Fonte: População: VALÉRIO, Nuno (Coord) - *Estatísticas Históricas Portuguesa*. Lisboa: INE, 2001; População escolar: PT/RAEEV/AHLAGE/D/B/001-Lv1 (1841) Lv176 (1926).

Nas três primeiras décadas do século XX a população alentejana cresceu a um ritmo superior ao do conjunto nacional e na década de 1920 as ocupações

¹⁰ Idem - *Op. cit.*, 2017.

profissionais ligadas ao comércio registaram um incremento na cidade¹¹. Porém a alfabetização não acompanhou o crescimento do número de alunos que frequentavam o ensino secundário: um quadro típico nos países da Europa do Sul que assim se distanciava da consistência entre aumento da alfabetização e procura de ensino secundário típica dos países da Europa Central e do Norte¹².

Tabela 3 - Taxas de alfabetização no Alentejo (1878-1920)

| Distritos | 1878 | 1890 | 1900 | 1911 | 1920 |
|-------------------|------|------|------|------|------|
| Portalegre | 15,7 | 18,3 | 20,0 | 21,5 | 25,3 |
| Évora | 18,4 | 19,6 | 20,7 | 23,7 | 26,4 |
| Beja | 15,0 | 15,8 | 17,4 | 19,2 | 22,3 |
| Média no Alentejo | 16,4 | 17,9 | 19,3 | 21,5 | 24,7 |
| Média Nacional | 21,3 | 22,4 | 25,0 | 29,0 | 32,6 |

Fonte: Rui Ramos – Culturas da Alfabetização e Culturas do Analfabetismo. In *Análise Social*, 1988, vol. XXIV (103 - 104), Lisboa, ICS, pp. 1115-1116. Recenseamentos Gerais da população para os anos indicados. Nota: Em 1878, a taxa de alfabetização é calculada sobre a população maior de 6 anos. Optámos pelo cálculo da média entre as taxas de alfabetização feminina e masculina, de forma a obter um valor global do nível de alfabetização.

Embora com reservas imputáveis à qualidade das estatísticas da época aponta-se uma evolução da taxa de analfabetismo de 82,4% em 1878, 79,2% em 1890, para descer ligeiramente em 1900, apresentando um valor de 78,6% (Tabela 3).

A Espanha passava de uma taxa de analfabetismo de 76% em 1860 para apenas 60% em 1900. Um crescimento rápido que ofusca o esforço de alfabetização português. O nível atingido por Portugal em 1910 era aproximadamente o da Espanha entre 1850 e 1860 e o da Itália entre 1860 e 1870, ou seja, um atraso de cerca de meio século¹³.

¹¹ X Recenseamento Geral da População, 1960, tomo I, vol.1. Sobre o crescimento da população alentejana cf. ARROTEIA, Jorge - *A Evolução Demográfica Portuguesa*. Lisboa: Ministério da Educação, 1984; CARRILHO, Maria José - *Aspetos demográficos da população portuguesa no período 1864-1970. Estudos Demográficos*. Lisboa: INE, 1991 pp. 11-2. Para a estrutura ocupacional veja-se BERNARDO, Maria Ana - *Sociedade e elites no concelho de Évora. Permanência e mudança (1890-1930)*. Lisboa: FCG/FCT, 2013.

¹² GAMEIRO, Fernando Luís - *Op. cit.*, 2017, pp. 293-295.

¹³ RAMOS, Rui - *Culturas da alfabetização e culturas do analfabetismo em Portugal: uma introdução à história da alfabetização no Portugal contemporâneo*. In *Análise Social*, vol XXIV, (103-104), 1988, (4º-5º), 1067-1145.

No Alentejo, Évora era o mais alfabetizado dos três distritos e aquele no qual o Liceu mais recrutava os seus estudantes, alunos que maioritariamente frequentavam a BPE.

Em matéria de recrutamento socio ocupacional dos alunos liceais e leitores da BPE os dados que obtivemos, arrolados de acordo com a classificação HISCLASS¹⁴, mostram a predominância do grupo social dos «Gestores e profissionais com baixa qualificação, comerciantes e funcionários» (Grupos III, IV e V) cujo crescimento parece consistente: 36% a 42% na última década do século XIX¹⁵. «Gestores e profissionais altamente qualificados» não ultrapassariam os 30%¹⁶.

Os filhos dos trabalhadores pouco qualificados, ou dos trabalhadores rurais, permaneciam afastados da frequência dos liceus e conseqüentemente das bibliotecas. De facto, a observação da sociedade rural nos campos elvenses, realizada por Silva Picão em finais do século XIX, permite ilustrar a dimensão deste fenómeno já que este publicista descreveu com pormenor a importância e o valor que eram concedidos ao trabalho precoce. Os pais valorizavam os filhos que depois da escolaridade primária, aos 10 ou 11 anos, «princípios a ganhar no campo»¹⁷.

Em 1910, Léon Poisard assinalou a pouca importância que os jornaleiros de Pias concediam à instrução, independentemente de o quadro legal em vigor determinar a obrigatoriedade da frequência. Surpreendeu-o o facto de existir um completo desprezo das autoridades em relação ao cumprimento da lei. Notou também que, à medida que o nível económico se elevava, os níveis de instrução da prole tendiam a aumentar: quatro dos seis filhos de um pequeno

¹⁴ A HISCLASS apresenta uma proposta de classificação social assente em três dimensões: a distinção entre os níveis manual e não manual das aptidões ocupacionais do indivíduo; o nível de supervisão com que alguns indivíduos controlam o trabalho de outrem; e, finalmente, a importância concedida ao setor económico em que se enquadra cada atividade. Cf. LEEUWEN, Marco H.D. van e Ineke Maas - A historical international social class scheme. Leuven: Leuven University Press, 2011.

¹⁵ 65% a 73% na segunda década do século XX se considerados os casos de Coimbra e Braga. Tabela 15.

¹⁶ Em zonas de grande dinamismo demográfico e social, admitimos que a aposta dos «trabalhadores qualificados» em promoverem a mobilidade dos seus filhos, proporcionando-lhes o acesso ao liceu, possa ter retirado peso a outras categorias ocupacionais como era o caso dos «profissionais altamente qualificados» (Braga).

¹⁷ PICÃO, Silva - Através dos campos. Lisboa: D. Quixote, 1983, pp.166-167.

proprietário de Pias haviam frequentado a escola e sabiam ler e escrever. No patamar seguinte, o dos lavradores, Poincard notou que existiam casos em que os filhos prosseguiram estudos, acabando a desempenhar profissões liberais nos centros urbanos¹⁸.

Paul Deschamps, no início dos anos de 1930, sublinhou para Reguengos de Monsaraz o maior investimento em instrução da prole por parte dos proprietários. Este investimento, que incluía o ensino doméstico das raparigas, era particularmente realizado por uma «elite» de proprietários que enviava os filhos para o liceu. A partir deste patamar, procuravam que estes prosseguissem estudos para o ensino superior e posteriormente viessem a desempenhar uma profissão liberal¹⁹.

Por outro lado, este último exemplo parece também confirmar que, à semelhança do caso francês, os proprietários menos abastados e os lavradores viam o investimento em educação como uma forma de garantir a diferenciação ocupacional e a subsistência de alguns dos seus descendentes. Estes «proprietários», que por razões de ordem metodológica não foram classificados pela via do HISCLASS, representam cerca de 23% no cômputo geral das atividades conhecidas²⁰.

De facto, segundo Filipe Simões, professor do Liceu de Évora e diretor da BPE, «Em Portugal a maior parte dos pais não tem a necessária instrução para convenientemente dirigirem a educação e os estudos dos filhos. As crianças de dez ou doze anos, que frequentam os liceus, não têm, pois, em casa quem lhes dê a indispensável direção, nem acham nos liceus quem supra essa falta. A ação do reitor e dos professores limita-se ao recinto das aulas e só à ordem e regularidade das lições. Daí vem que os alunos de tenra idade, entregues a si mesmos, ou, o que é pior, a outros mais adiantados em anos, não adquirem,

¹⁸ POISARD, Léon - *Le Portugal Inconnu. Paysans, Marins et Mineurs*, Paris, Bureau de la Science Sociale, 1910, pp.179-183. DESCHAMPS, Paul - *Le Portugal. La Vie Sociale Actuelle*. Paris: Firmin-Didot, 1934. Este autor confirmou o afastamento da instrução das populações multiplicando os exemplos em Alandroal, Monte do Trigo ou Campo Maior (pp. 199-200).

¹⁹ Paul Deschamps - *Op. cit.*, pp. 204-205.

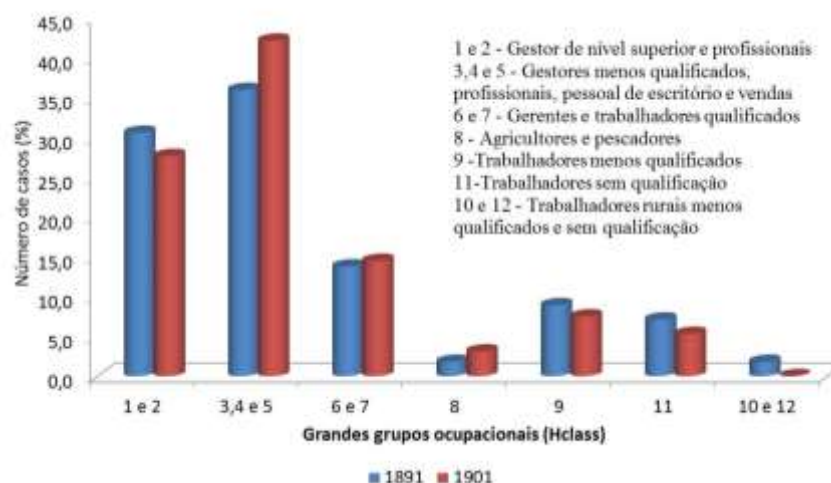
²⁰ GAMEIRO, Fernando Luís – *Op. cit.* 2017, p. 360.

pela maior parte, o habito e o método de estudar, antes chegam muitas vezes a perverter-se e a desmoralizar-se»²¹.

Estas observações de finais da década de 1860 permitem sugerir que o acesso ao ensino liceal das novas gerações era já o resultado da oferta de um conjunto de oportunidades educativas no ensino pós primário que os pais não tinham possuído. É legítimo admitir que se os progenitores tivessem frequentado o ensino liceal, preencheriam os requisitos que lhes permitiriam acompanhar os estudos dos filhos.

O fracionamento do ensino por disciplinas mantinha-se nas reformas entretanto levadas a cabo durante a Regeneração e não compensava a insuficiência do enquadramento familiar dos alunos, pois segundo Filipe Simões nos «liceus portugueses atende-se unicamente ao ensino intelectual dos alunos. Os professores não têm ação nenhuma na educação moral nem podem dirigir os alunos no estudo das lições. Este sistema é em verdade o dos países mais civilizados. Porém na Prússia, nos Estados Unidos, na Suíça, a família é suficientemente instruída para se encarregar de tais missões»²².

Figura 1 - Estrutura Ocupacional. Pais dos alunos do Liceu de Évora nos recenseamentos de 1891 e de 1901 (Hclass- 7)



Fonte: GAMEIRO, Fernando Luís – Elites e Educação. Lisboa: Colibri, 2017.

²¹ SIMÕES, Augusto Filipe - *Op. cit.*, 1869, p. 7.

²² Secção de Archeologia do Instituto de Coimbra - Escritos diversos de Augusto Filipe Simões. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1888, p. 186.

Contudo, com exceção de casos pontuais e dos poucos alunos da Casa Pia de Évora ou do Seminário que chegaram a frequentar o Liceu, era incomum encontrar o filho de um trabalhador rural entre o corpo discente. De facto, a informação fornecida pelos recenseamentos torna evidente que o recrutamento no liceu incidia sobre os grupos ocupacionais do topo, os profissionais, os funcionários dos serviços e os comerciantes (Figura 1). Nos censos da população em 1900 os trabalhadores rurais totalizavam 57% da população ativa mas não tinham expressão nas categorias ocupacionais cujos filhos frequentavam o Liceu e se sentavam nos bancos da BPE²³.

3. Os leitores na BPE

A evolução do número de leitores na Biblioteca Pública de Évora durante a segunda metade do século permite precisar a periodização avançada pela historiografia sobre a leitura no século XIX para a BPE. A diminuição do número de leitores incide sobre a segunda metade da década de oitenta, embora seja detetável ao longo deste período o fim de um ciclo de alta (1885) seguido de outro de retoma da leitura pública (1892-1893)²⁴. Contudo a frequência da biblioteca pública era determinada pela sazonalidade da presença dos estudantes em Évora e dependia da procura de ensino secundário. Das sete reformas a que o ensino liceal foi submetido no século XIX só uma registaria um profundo impacto na presença de estudantes na BPE: a reforma de 1894-1895 delineada por Jaime Moniz e conduzida pelo governo de João Franco.

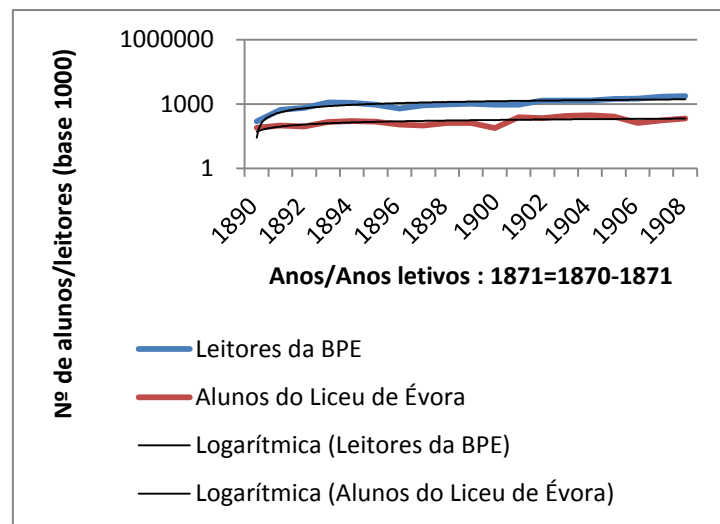
O arco cronológico que escolhemos situa-se neste ciclo de crescimento da procura e é consistente com o aumento da população liceal (Figura 2). Este processo foi provocado pela citada reforma de 1894 -1895 que terminou com o regime de exame, um processo que afastava muitos alunos atraindo-os apenas nos momentos de avaliação. Jaime Moniz instituiu os regimes de frequência e de classe provocando a médio prazo um enorme aumento de alunos nos espaços pedagógicos. É esta reforma que explica a evolução da curva da

²³ Portugal, MOPCI, Direção da Estatística Geral e Comércio, Repartição da Estatística Geral, Censo da População do Reino de Portugal no 1º de dezembro de 1900. Vol I, Lisboa: Imprensa Nacional.

²⁴ GAMEIRO, Fernando Luís – *Op. cit.*, 1995, 1997 e 1998.

procura dos serviços da BPE no final do século XIX e na primeira década do século XX (Figura 2).

Figura 2 - Leitores na Biblioteca Pública de Évora e alunos no Liceu de Évora (1890-1908)



Fonte: GAMEIRO, Fernando Luís – *Op. cit.*, 1997 e 2017

O regime de transição previsto por Jaime Moniz explica também que apenas ao longo da primeira década do século XX o crescimento tenha reflexos no aumento da população escolar e no consequente aumento dos leitores da BPE (Figura 2).

Com base nas evidências que arrolamos até este momento fica claro que a BPE funcionava como suporte a uma procura que era determinada essencialmente pelos estudantes liceais. Importa agora esclarecer a medida em que este equipamento se adaptou, ou não, às exigências que lhe foram colocadas depois da instalação do liceu (1841) do Seminário (1850) e do Colégio dos Lóios (1853).

4. A gestão de uma biblioteca escolar com valência de leitura pública

Em 1841 com a nomeação de Cunha Rivara para integrar o corpo docente do Liceu de Évora, acumulando com o cargo de diretor da BPE que havia assumido em 1838, iniciou-se um processo preferencial de escolha: os diretores do instituto de leitura pública, tanto na Monarquia Constitucional como

na I^a República, foram recrutados maioritariamente por entre os docentes do Liceu de Évora²⁵.

O corpo docente do principal instituto de ensino na cidade de Évora rejeitou, em 1843, com voto favorável de Cunha Rivara, a criação da uma biblioteca no Liceu de Évora. Defendeu o investimento da verba proposta pelo Ministério do Reino para a criação daquele equipamento na aquisição de livros novos e na ampliação do quadro de pessoal da BPE. A situação criada manter-se-ia até ao início dos anos de 1930, pese embora a tentativa de criar no espaço liceal esta valência²⁶.

O Liceu, o Seminário Diocesano e o Colégio de S. João Evangelista (Loios), utilizavam os serviços de biblioteca criados por Frei Manuel do Cenáculo, em 1803²⁷. Situavam-se num perímetro de circulação pedestre na vereda da acrópole que permitia a partilha de serviços comuns. O Liceu assegurava a formação do currículo laico dos seminaristas e acolhia os alunos do internato e do externato facultado pelo Colégio dos Loios²⁸.

A BPE, situada a poucos metros do Colégio do Espírito Santo, complexo no qual estava instalado o instituto liceal, foi convertida em biblioteca escolar. Este equipamento cultural passou a ser dirigido pela primeira geração de professores bibliotecários, técnicos que organizavam os serviços dirigidos para

²⁵ O cargo foi assegurado por 7 docentes, no contexto da manutenção da BPE como biblioteca de apoio ao ensino liceal. Augusto Filipe Simões, Fidelino de Figueiredo (Diretor da BN), Francisco Fortes Faria Torrinha, Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, José Fernando Pereira Deville (fundou uma biblioteca em Estremoz e em Alcobaça), Alberto Jordão Marques da Costa, António Joaquim Lopes da Silva.. Cf. GAMEIRO, Fernando Luís - *Op. cit.*, 1997, p. 171 e Idem - «Instrução, Educação e Lazer no Alentejo», in FERNANDES, Rogério e ADÃO, Áurea (org.) - *Leitura e Escrita em Portugal e no Brasil 1500-1970*. Vol. I, I Congresso Luso Brasileiro de História da Educação. Porto: Sociedade Portuguesa de História da Educação, 1998, pp. 523-534.

²⁶ PT/RAEEV/AHLAGE/D/A/001-Lv240 – 1841-1850. Atas das Sessões do Conselho Escolar. Em 1898 Queiroz Velloso propôs a criação de uma biblioteca escolar e em 1917 há notícia da instalação de um pequeno núcleo documental junto à sala dos atos. PT/RAEEV/AHLAGE/D/A/001-Lv243-1876-1904, Atas das sessões do Conselho Escolar fl.89-90. PT/RAEEV /AHLAGE/D/A/001 - Lv245-1903-1936, Atas das Sessões do Conselho Escolar. (Conselho Geral), sessão de 05-05-1917.

²⁷ Gameiro, Fernando Luís – *Op. cit.*, 2017. Sobre a constituição e funcionamento da BPE (1804-1950) ver ESPANCA, Túlio - Subsídios para a História da Biblioteca Pública de Évora. In *A Cidade de Évora*, nº 63-64 (1980-1981.) pp. 193-249.

²⁸ GAMEIRO, Fernando Luís - *Op. cit.*, 2014 e 2017.

uma comunidade de leitores maioritariamente constituída por estudantes liceais²⁹.

A Cunha Rivara, o primeiro a acumular funções docentes e de bibliotecário, sucederia Rafael de Lemos que protagonizaria um primeiro grande movimento visando a atualização da coleção, processo que seria continuado com maior veemência pelo seu sucessor Augusto Filipe Simões. Este, às suas preocupações com o fundo documental, acrescentaria uma fundada preocupação com o estado de degradação apresentado pelo edifício³⁰.

Tanto Rafael de Lemos como Filipe Simões e os bibliotecários que se lhe seguiram encetaram um processo de renovação da coleção centrado no público escolar. Adquiriram numerosos exemplares da chamada «literatura amena», hoje catalogada como infanto-juvenil, e muitos usuais: dicionários e enciclopédias, obras fundamentais para a didática, essencialmente literária, das disciplinas liceais³¹.

Na aproximação ao mercado editorial francês que marcou a estratégia de aquisições da BPE na segunda metade do século XIX, foram feitas assinaturas do *Dictionnaire de Botanique* de M. Baillon, do *Dictionnaire de Antiquités grecques et romaines* de M. Dorembert, do *Dictionnaire pratique de médecine de chimique et de hygiene veterinaires* de Bouley. Quanto às obras portuguesas destacava-se o *Dicionário Contemporâneo Francês Português e Português Francês* de Domingos de Azevedo, *A História da Revolução Portuguesa de 1820* por José de Arriaga, o *Minho Pitoresco* de José Augusto Vieira e a *Ilustração Ibérica*³².

A encomenda directamente aos editores franceses, nomeadamente a Ranieri de Paris, havia entrado também na rotina de aquisições sempre que a disponibilidade financeira o permitia. A Inspeção-geral de bibliotecas tomava a iniciativa de optar pela aquisição de bibliografia francesa, nomeadamente ao

²⁹ Idem - *Op. cit.*, 2017, p. 661.

³⁰ Idem, *Ibidem*, 1997, pp. 155-156.

³¹ Idem, *Ibidem*, pp. 157-158.

³² Arquivo Distrital de Évora (ADE) Núcleo da Biblioteca Pública de Évora (NBPE)., Livro nº 15 28 de Março de 1888.

nível dos dicionários e obras enciclopédicas, indispensáveis para satisfazer a população escolar que frequentava a biblioteca³³.

Esta tendência de aproximação à cultura francesa é uma peculiaridade da primeira metade do século XIX, inspirada pela vertente literária do movimento romântico, prolongou-se porém ao longo da segunda metade de oitocentos. O erudito eborense Gabriel Pereira, que assumiria funções de direção na Biblioteca Nacional confirmava, no *Manuelinho d'Évora*, que «em francês encontram-se milhares de volumes de leitura útil e agradável, de instrução geral elementar ou especial»³⁴.

Do ponto de vista da recuperação da informação a existência de um catálogo dos livros impressos foi prioritária para os primeiros bibliotecários. É muito interessante verificar a forma pragmática como foi abordada a constituição do catálogo: a decisão estratégica então tomada foi no sentido de catalogar as obras mais procuradas de modo a permitir a sua rápida organização, localização e recuperação, tanto pela via das autoridades como dos assuntos, enfim um procedimento que qualquer bibliotecário dos nossos dias não descartaria³⁵.

Os professores bibliotecários oitocentistas enfrentaram o subfinanciamento da BPE. Já nas décadas de cinquenta e sessenta do século XIX os relatórios do Conselho Superior de Instrução Pública faziam referência ao caso da instituição eborense. A BPE era uma das instituições de leitura pública que necessitavam de ser providas de fundos, dinheiro que permitisse a rápida aquisição de obras e a contratação de pessoal administrativo que complementasse o quadro de funcionários³⁶.

5. Os estudantes e a leitura

O gosto pela aventura fica expresso na leitura das obras de Júlio Verne tanto em 1897 como em 1900, os dois anos que escolhemos a título de amostra. Da

³³ A.D.E., N.B.P.E., Livro nº 3 de 28 de Fevereiro de 1891.

³⁴ O *Manuelinho d'Évora*, nº116, 10 de Abril de 1883.

³⁵ GAMEIRO, Fernando Luís – *Op. cit.*, 1997, p. 159-160.

³⁶ Idem, *Ibidem*, p. 161.

preferência dos estudantes por revistas, o destaque vai para o *Arquivo Pitoresco*. Por entre os jornais *O Diário Ilustrado* é o periódico mais lido.

Tabela 4 - Autores mais lidos na BPE (1897 e 1900)

| Autores | 1897 | 1900 |
|----------------------------|-------------|-------------|
| Júlio Verne | 285 | 135 |
| Ortega y Frias | 49 | 26 |
| Júlio Dinis | 34 | 23 |
| Xavier de Montepin | 27 | 18 |
| Eduardo Vidal y Valenciano | 24 | |
| Alexandre Dumas Filho | | 18 |
| Alexandre Herculano | | 52 |
| Almeida Garrett | | 43 |
| Bocaccio | | 14 |
| Camilo Castelo Branco | | 21 |

Fonte: GAMEIRO, Fernando – Entre a Escola e a Lavoura. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional – Ministério da Educação, 1997.

Na lista dos dez autores mais lidos os estrangeiros ocupam seis lugares e são encabeçados por Júlio Verne. No entanto a leitura é bastante diversificada, aparecem obras e autores portugueses, com destaque para Alexandre Herculano, Júlio Dinis, Camilo e Almeida Garrett.

Tabela 5 – Livros mais lidos na BPE (1897 e 1900)

| Obras | Autores | 1897 | 1900 |
|-----------------------------|----------------------------|-------------|-------------|
| A ilha misteriosa | Júlio Verne | 42 | |
| Vinte mil léguas submarinas | Júlio verne | 31 | |
| O diabo na corte | Ortega y Frias | 29 | 6 |
| A linda de Chamounix | Donizetti | 25 | |
| O cadastro da polícia | Eduardo Vidal y Valenciano | 23 | |
| Um herói de 15 anos | Júlio Verne | 22 | |
| Dois anos de férias | Júlio Verne | 19 | 10 |
| A madastra | Xavier de Montepin | 14 | |
| Cinco semanas em balão | Júlio Verne | 12 | 6 |
| Diário do Governo | | 11 | |
| Os filhos do capitão Grant | Júlio Verne | 11 | |

| | | | |
|------------------------|-----------------------|---|----|
| O cataclismo cósmico | Júlio Verne | 9 | |
| Os dramas da espada | Xavier de Montepin | 8 | 16 |
| Robur o conquistador | Júlio Verne | 8 | |
| As tragédias da corte | Auguste Maquete | 8 | |
| A capa do diabo | Ortega y Frias | 7 | |
| Ilustração ibérica | | | 22 |
| Contos | Boccacio | | 14 |
| Lendas e narrativas | Alexandre Herculano | | 14 |
| Ilustração portuguesa | | | 12 |
| A dama das camélias | Alexandre Dumas Filho | | 11 |
| Descoberta da terra | Júlio Verne | | 11 |
| O Panorama | | | 11 |
| O Bobo | Alexandre Herculano | | 10 |
| Arquivo Pitoresco | | | 9 |
| Um Ano na Corte | João de Andrade Corvo | | 8 |
| História de Portugal | | | 8 |
| Mathias Sandorf | Júlio Verne | | 8 |
| O Monge de Cister | Alexandre Herculano | | 8 |
| Viagens na minha terra | Almeida Garrett | | 8 |
| O Arco de Santana | Almeida Garrett | | 7 |
| Hamlet | William Shakespeare | | 7 |

Fonte: GAMEIRO, Fernando – *Op. cit.*, 1995.

Quanto aos alunos (ano de 1897) em matéria de literatura estrangeira o destaque vai para as obras de Júlio Verne: *A Ilha Misteriosa e Vinte Mil Léguas Submarinas*. Segue-se *O Diabo na Corte* de Ortega y Frias. Nos dez primeiros títulos Verne ocupa cinco posições. Só a leitura de periódicos em português interfere nos domínios da literatura estrangeira quando considerada a lista dos vinte títulos mais pedidos.

Em 1900 a leitura da *Ilustração Ibérica* e da *Ilustração Portuguesa* interrompe o predomínio da literatura, uma novidade que é reforçada pela leitura das obras de Alexandre Herculano *Lendas e Narrativas*, *O Bobo* e *Monge de Cister*.

Os seminaristas procuram sobretudo as obras de Júlio Verne e Vidal y Valenciano, mas lêem também a *Teologia Moral* em 1897. Já em 1900 as suas opções mudam, tornando-se mais diversificadas, com destaque para Alexandre Herculano e Almeida Garrett, escasseando a leitura de temas

religiosos. Estes alunos integravam na sua maioria o corpo discente liceal frequentando um conjunto de disciplinas que eram complementadas com as cadeiras teológicas ministradas no Seminário. Estavam perfeitamente integrados no corpo de estudantes e as leituras que praticam são consistentes com as dos restantes alunos.

A laicização da leitura dos seminaristas é uma referência importante na perspectiva da mudança. Esta tendência pode, embora limitada e com reservas, apontar no sentido de alguma laicização do clero à medida que se avança para os finais do século XIX. Esta percepção já tinha sido avançada para a leitura pública em Portugal mas agora surge associada a um grupo específico de leitores e resulta também da sua integração no corpo discente³⁷. De facto os seminaristas que fizeram a sua formação em Évora não deixaram de dar o testemunho da sua sintonia com as vivências estudantis. É o caso de Hernâni Cidade (seminarista em Évora nos primeiros anos do século XX) que em registo auto autobiográfico acentuou a existência de aspirações comuns que uniam seminaristas e académicos³⁸.

Em relação aos professores liceais quando frequentam a biblioteca era essencialmente para consultarem legislação via *Diário do Governo* (1897). São os dicionários e as obras de carácter histórico que levam os docentes à leitura presencial. Em 1900 a legislação e o romance constituem a sua leitura preferencial. O autor português mais lido por estes profissionais é Alexandre Herculano.

Tal acontecia em profissões afins, como é o caso do explicador, revela-se uma leitura muito específica e ligada à actividade profissional do leitor.

A preferência pelos periódicos, jornais e revistas, acompanha a expansão deste tipo de publicações em Portugal nas últimas décadas do século. Esta tendência associada ao impacto da novidade da imagem, por via da ilustração

³⁷ Esta verificação confirma com segurança em termos locais o que José Tengarrinha tinha constatado em Portugal em idêntico período. Cf. TENGARRINHA, José – *Op. cit.*, 1988, p. 235.

³⁸ GAMEIRO, Fernando Luís - Cidade, Hernâni. In ROLLO, Maria Fernanda (Coord.) - Dicionário de História da I República e do Republicanismo. Lisboa: Assembleia da República, Vol. I, pp. 672-675.

baseada na técnica da gravura, também devia atrair o leitor devido a esse conteúdo iconográfico.

No quadro das tendências de difusão da «cultura popular», que promove a importância da informação útil e da literatura, confirma-se a preferência pelo romance e pela literatura de evasão. A população escolar, do que se pode apreender das tendências e dos gostos literários, não surge afastada das linhas de consumo cultural no país³⁹.

A publicação de obras de leitura popular, que se intensificou nas últimas décadas do século XIX, não se relacionava apenas com a solicitação dos leitores. Era estimulada pelas estratégias editoriais que visavam já uma tentativa de criar público. A relação dos editores com os professores bibliotecários/diretores, mesmo numa zona mais afastada dos grandes centros da produção livreira mas a eles ligada por caminho-de-ferro, não foi estranha ao processo de mudança detectado⁴⁰.

Contudo, em matéria de género, embora as mulheres alfabetizadas tivessem uma expressão considerável no número dos que sabiam ler e escrever, tal facto não se reflectia por razões de ordem funcional e cultural na sua presença na Biblioteca Pública de Évora. De facto o número de alunas a frequentar o ensino secundário tornar-se-ia mais expressivo, a partir de 1914, com a criação dos cursos elementar de comércio e de labores femininos na Escola Industrial, na linha da educação de base sexista em uso na época⁴¹.

6. Conclusão

Quando o Conselho Escolar do Liceu de Évora recusou, em 1843, a constituição de uma biblioteca no espaço do Colégio do Espírito Santo e defendeu a continuação do uso da BPE como equipamento cultural ao serviço dos estudantes definiu a função deste ao longo das décadas que se seguiram.

³⁹ Esta tendência é confirmada para a última década do século. Sobre a actividade e dinamismo dos editores em regiões periféricas veja-se DOMINGOS, Manuela – *Op. cit.*, 1985, p. 68.

⁴⁰ RAMOS, Rui – A Segunda Fundação. In MATTOSO, José (Dir.) - História de Portugal. Vol. VI. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994, p. 46.

⁴¹ GAMEIRO, Fernando Luís - Com Engenho e Arte. Ensino Técnico em Évora durante a I República: a Escola Industrial e Comercial Gabriel Pereira. Lisboa: Edições Colibri, 2011.

Os alunos leitores entre 1841 e 1926 eram oriundos dos três distritos alentejanos, sobretudo do de Évora, mas também do de Lisboa e de Faro: uma constatação que confere à BPE uma dimensão regional. Funcionários públicos, comerciantes e profissionais de diversa qualificação eram as categorias ocupacionais nas quais eram recrutados alunos e leitores. Proprietários e lavradores tinham um peso significativo no perfil ocupacional dos pais dos leitores. O trabalhador rural, maioritário na estrutura ocupacional alentejana, praticamente não tinha descendentes nos bancos da BPE.

O recrutamento preferencial dos diretores da BPE no corpo docente do Liceu reforçou a ligação entre as duas instituições e comprometeu a primeira com a função pedagógica da segunda.

Com os agentes educativos a representarem entre 70 a 80% dos leitores as estratégias em matéria de aquisição de novas obras levaram em consideração necessidades de ordem didática e de atração: a aquisição de dicionários, enciclopédias e outras obras de referência, emparceirava com a preocupação em disponibilizar as chamadas obras de «leitura amena», isto é o romance, mas também a ficção que tinha em Júlio Verne o seu autor de eleição.

A proximidade entre bibliotecários e livreiros, potenciada pela presença do caminho-de-ferro que ligava Évora a Lisboa, contribuía para que os estudantes tivessem acesso à literatura em voga na época. Estes títulos eram amplamente publicitados pelos periódicos a que este público também tinha acesso e potenciavam as possibilidades de aquisição.

Fontes manuscritas

Arquivo Distrital de Évora, (ADE) Fundo Biblioteca Pública de Évora

- Livro nº 15 - 28 de Março de 1888
- Livro nº 3 - 28 de Fevereiro de 1891
- Livros de Registo de Leitores (referência anos 1990). 1897 livro 154 e 167. 1900 livro 155 (referência anos 2000: BP/ADE. Sc. L- Registos de Leitura para os anos indicados).

Rede de Arquivos Escolares de Évora/Arquivo Histórico do Liceu André de Gouveia

PT/RAEEV/AHLAGE/D/B/001- Lv 1 (1841)

PT/RAEEV/AHLAGE/D/B/001- Lv 176 (1926)

PT/RAEEV/AHLAGE/D/A/001- Lv 240 (1841-1850)

PT/RAEEV/AHLAGE/D/A/001- Lv 243 (1876-1904)

PT/RAEEV/AHLAGE/D/A/001- Lv 245 (1903-1936)

Bibliografia

ARROTEIA, Jorge - A Evolução Demográfica Portuguesa. Lisboa: Ministério da Educação, 1984.

BERNARDO, Maria Ana - Sociedade e elites no concelho de Évora. Permanência e mudança (1890-1930). Lisboa: FCG/FCT, 2013.

CARRILHO, Maria José - Aspetos demográficos da população portuguesa no período 1864-1970. Estudos Demográficos. Lisboa: INE, 1991.

CHARTIER, Roger – A História Cultural. Entre Práticas e Representações. Lisboa: Difel, 1988.

CURTO, Diogo Ramada - Bibliografia da História do Livro em Portugal, séc. XV-XIX. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2003.

CURTO, Diogo Ramada (dir.) – Estudos de Sociologia da Leitura em Portugal no século XIX. Lisboa: FCG/FCT, 2006.

DARNTON, Robert - Historia de la lectura. In BURKE, Peter (ed.) - Formas de hacer Historia. Madrid: Alianza, 2003, pp. 189-220

DESCHAMPS, Paul - Le Portugal. La Vie Sociale Actuelle. Paris: Firmin-Didot, 1934.

DOMINGOS, Manuela - Estudos de Sociologia da Cultura. Livros e Leitores do século XIX. Lisboa: IPED, 1985.

DOMINGOS, Manuela; GONÇALVES, Paula; FIGUEIREDO, Dulce - Estudos sobre História do Livro e da Leitura em Portugal (1995-2000). Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002.

ESPANCA, Túlio - Subsídios para a História da Biblioteca Pública de Évora. In A Cidade de Évora, nº 63-64 (1980-1981.) pp. 193-249.

GAMEIRO, Fernando Luís – Ensino e Educação no Alentejo Oitocentista. Lisboa: FCSH da Universidade Nova de Lisboa, 1995 (Tese de mestrado).

GAMEIRO, Fernando Luís - A alfabetização no Alentejo. Um estudo de caso. In *Colóquio Educação e Sociedade*, nº 2, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993, pp. 69-85.

GAMEIRO, Fernando Luís – Entre a Escola e a Lavoura. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1997.

GAMEIRO, Fernando Luís - Instrução, Educação e Lazer no Alentejo. In Rogério Fernandes e Áurea Adão (org.) - *Leitura e Escrita em Portugal e no Brasil 1500-1970*, vol. I, Iº Congresso Luso Brasileiro de História da Educação. Porto: Sociedade Portuguesa de História da Educação, 1998, pp. 523-534.

GAMEIRO, Fernando Luís - Profissões, Leitores e Leituras. A Biblioteca Pública de Évora (1850-1926). In A Cidade d'Évora, II Série, nº 8, Évora, Câmara Municipal de Évora, 2009, pp. 587-600.

GAMEIRO, Fernando Luís - Com Engenho e Arte. Ensino Técnico em Évora durante a I República: a Escola Industrial e Comercial Gabriel Pereira. Lisboa: Edições Colibri, 2011.

GAMEIRO, Fernando Luís - Cidade, Hernâni. In Maria Fernanda Rollo (coord.) - *Dicionário de História da I República e do Republicanismo*. Vol. I, Lisboa: Assembleia da República, 2013 pp. 672-675.

GAMEIRO, Fernando Luís – Percursos Escolares e Profissionais das elites alentejanas (séculos XIX e XX). Évora: Universidade de Évora, 2014 (Tese de doutoramento).

GAMEIRO, Fernando Luís - Elites e Educação. O Liceu de Évora. Lisboa: Colibri, 2017.

LEEUWEN, Marco H.D van e MAAS, Ineke - A historical international social class scheme. Leuven: Leuven University Press, 2011.

LISBOA, João Luís - Livro e cultura escrita – Brasil - Portugal - Espanha. In Cultura, Revista de História e Teoria das Ideias, nº 14, Coimbra, 2002.

PICÃO, José da Silva, - Através dos campos. Lisboa: D. Quixote, 1983.

POISARD, Léon - Le Portugal Inconnu. Paysans, Marins et Mineurs. Paris: Bureau de la Science Sociale, 1910.

RAMOS, Rui - Culturas da alfabetização e culturas do analfabetismo em Portugal: uma introdução à história da alfabetização no Portugal contemporâneo. In *Análise Social*, vol XXIV, (103-104), 1988, (4º - 5º), 1067-1145.

RAMOS, Rui – A Segunda Fundação. In MATTOSO, José (dir.) - História de Portugal. Vol. VI. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994.

REBELO, Carlos - A Difusão da Leitura Pública. Porto: Campo das Letras, 2002.

SIMÕES, Augusto Filipe - Escriptos Diversos Coligidos por ordem da secção da Arqueologia do Instituto de Coimbra. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1888.

SIMÕES, Augusto Filipe - Reforma da Instrução Secundária. Parecer apresentado ao Lyceu Nacional de Évora. Lisboa: Typographia Portuguesa, 1869.

TENGARRINHA, José Manuel - Estudos de História Contemporânea de Portugal. Lisboa: Caminho, 1984.

TENGARRINHA, José – Imprensa. In SERRÃO, Joel (dir.) - Dicionário de História de Portugal. Vol. III, Porto: Figueirinhas.

VAZ, Francisco António Lourenço - A leitura na Biblioteca Pública de Évora: um contributo para a história da leitura em Portugal (1887-1921). In *Anales de Documentación*, vol. 19, núm. 2, 2016, pp. 1-12.